

# ITAPARICA OU CAMÕES NO BRASIL COLÔNIA

Ronaldo Menegaz

Na minuciosa investigação que Jorge de Souza Araújo levou a efeito para sua tese de doutoramento, de que resultou a obra *Perfil do Leitor Colonial*,<sup>1</sup> verificou o autor a surpresa da presença de alguns autores/obras e as ausências de outros nos inventários de acervos bibliográficos do Brasil Colônia. Segundo Jorge de Souza Araújo, os dados principais de que se valeu para sua interpretação do quadro de leitores coloniais foram colhidos nos inventários tanto de conventos e mosteiros, como de personalidades da vida política, religiosa e cultural da Colônia. Com exceção dos ricos acervos dos colégios dos jesuítas, o Brasil leitor começa, na verdade, no século XVII, quando se registra nos meios de circulação de livros a predominância de “obras de devoção ou doutrina religiosa,” escapando dessa predominância as *Novelas* de Cervantes, a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, ordenações e repertórios do Reino de Portugal. No século XVIII a preferência do leitor parece ter mudado para as obras de preocupação moralista, como indica a popularidade de títulos como: as *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, as *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, de Matias Aires, a *Mística Cidade de Deus*, de Madre Maria de Agreda, o *Compêndio narrativo do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, a *História de Gil Blas de Santillana*, de Allain Le Sage, o *Feliz independente do mundo e da fortuna*, de Teodoro de Almeida. Sobre a recepção aos autores do século XVI, escreve o autor:<sup>2</sup>

*Dos portugueses, Camões, Sá de Miranda e Rodrigues Lobo serão populares no século XVIII. Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e os poetas satíricos do mundo ibérico não aparecem nunca. Lope de Vega tem presença também no século XVIII.*

Infelizmente não se têm condições de avaliar a extensão quantitativa desse “populares”.

Com exceção da poesia e do teatro de Anchieta e das obras dos primeiros cronistas, pode-se dizer que a literatura brasileira nasceu sob o signo de Camões. Logo no início do século XVII, em 1601, é publicado o poema *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, considerado o primeiro poeta nascido no Brasil. O poema épico em honra do segundo donatário da Capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, é uma apropriação muito pouco criativa da epopéia camoniana. No final do século, Manuel Botelho de Oliveira, com sua *Ilha da Maré*, inscreve na incipiente literatura do Brasil a exaltação nativista de sua ilha natal em versos de ressonâncias lusíadas:

*...Ilha da Maré ou de alegria, / Que é termo da Bahia, / Tem quase tudo quanto o Brasil todo, / Que de todo o Brasil é breve apodo;/ E se algum tempo Citeréia a achara / Por esta sua Chipre desprezara.<sup>3</sup>*

Também baiano e autor de um poema em que se entrelaçam o sentimento nativista e a poderosa presença de Camões é Frei Manuel de Santa Maria Itaparica com sua *Descrição da Ilha de Itaparica*,<sup>4</sup> poema em versos decassílabos, de 65 estâncias, em perfeita oitava rima, no tradicional esquema ABABABCC.

Constituindo um poema independente, prende-se, todavia, a um outro, mais longo, sobre a vida de Santo Eustáquio, em cujo Canto V, estrofe XXI, o poeta faz referência a uma ilha paradisíaca, que vem a ser a ilha de Itaparica. Tanto o poema sobre Santo Eustáquio quanto a *Descrição da Ilha de Itaparica*, que vem publicada em seguimento ao primeiro, não tem indicação de local nem de data, e o autor identifica-se apenas como “Hum Anonymo, Natural de Itaparica.”

A autoria dos dois poemas foi definitivamente esclarecida por Varnhagen,<sup>5</sup> que a atribui, com segurança, a Frei Manuel de Santa Maria Itaparica. O diplomata e pesquisador brasileiro incluiu o texto integral da *Descrição* e dois fragmentos do *Eustáquidos* no *Florilégio da Poesia Brasileira*.<sup>6</sup> Além de Varnhagen, também Inocêncio em seu *Dicionário Bibliográfico Português*<sup>7</sup> tem o frade de Itaparica como autor dos dois poe-

mas. Inocência baseia-se em Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão para afirmar:

*Temos o formal e authentico testemunho de Jaboatão, que assim o declara no Orbe Seraphico, 2ª parte, vol. I a pág. 38; e ficamos certos de que tal poema estava ainda manuscripto em 1768, devendo por conseguinte ser posterior a esse ano a edição sem data que d'elle existe.*

Começa o poema, aqui chamado de “Canto Heroico”, pela proposição, de acordo com as normas clássicas. É a segunda metade do século XVIII, tempo de neo-classicismo e de nativismo. O poeta declara querer “cantar” e “descrever” o local de seu nascimento, sua ilha, não o Brasil, cuja imagem ainda é para ele a de “Província desejada / Pelo metal luzente que em si cria.” Na segunda estrofe é invocada a “Musa que no florido de meus anos / Teu furor tantas vezes me inspiraste.”

Chamam imediatamente a atenção do leitor as ressonâncias camonianas que estão além do metro empregado e da disposição das rimas. Mais do que, ou tanto quanto essas estruturas formais, o tom lusíada está na presença, ao longo de todo o poema, de vocábulos de *Os Lusíadas*<sup>8</sup> e, mais que isso, a repetição integral ou não de sintagmas nominais empregados por Camões, como por exemplo:

libia ardente	<i>Desc.</i> II	<i>Lus.</i> III.28
metal luzente	<i>Desc.</i> IV	<i>Lus.</i> VIII.97
branca areia	<i>Desc.</i> VIII	<i>Lus.</i> IV.84;IV.92;IX.63
linda Panapopéia	<i>Desc.</i> XXI	a bela Panopéia <i>Lus.</i> VI.23
roubador de Europa	<i>Desc.</i> XLV	<i>Lus.</i> II.72

Em alguns versos há uma identidade quase perfeita de forma, como em:

“Nas íntimas entranhas do profundo?” *Desc.*XXII e “As íntimas entranhas do profundo” *Lus.*VI.76.

“Faz ameaço à terra, ao mar, ao mundo” *Desc.*XLII e “Ameaçando a terra, o mar e o mundo” *Lus.*IV.14.

A identidade é perfeita em *Desc.*LI e *Lus.*IX.56: “Estão virgíneas tetas imitando.” O verso idêntico em ambos os poemas refere-se aos limões da Ilha de Itaparica e aos da Ilha dos Amores.

Além dessa identidade no vocabulário e na construção dos versos, ocorrem a todo momento outras intertextualidades explícitas que apontam para uma apropriação da epopéia camoniana pelo poeta brasileiro.

Assim, referindo-se aos marinheiros que acometem a baleia, o poeta da *Descrição* escreve: “Como pequeno bicho és atrevido / Contra o monstro do mar mais desmedido”; esses dois versos da estância XXII remetem imediatamente o leitor ao excuro do Canto I.106, embora os contextos sejam totalmente diversos: “Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?” Ainda na seqüência de versos que narram a pesca da baleia, ocorrem mostras desse parentesco tão próximo entre o poema épico de Camões e o poema descritivo de Frei Manuel. Esse, na estrofe XXI, faz presentes em Itaparica as mães e esposas do Restelo: “Como não temes ser despedaçado? De um animal tão feio e tão imundo? / Por que queres ir ser precipitado / Nas íntimas entranhas do profundo?”

No final de sua epopéia, Camões coroa os feitos valorosos de seus Argonautas com a passagem pela Ilha dos Amores, de harmoniosa paisagem, onde águas, flores e frutos competem na constituição de um verdadeiro *locus amoenus*. Nessa ilha de maravilhas, a descrição é a parte mais importante, estando-lhe, de certo modo, subordinada a ação dos homens. O espaço mágico da Ilha, prêmio de Vênus aos que souberam superar-se, é que determina a ação dos personagens, que só podia ser aquela narrada pelo narrador principal da epopéia. O poema de Frei Manuel se constrói inteiramente com intenção descritiva. O que o autor quer privilegiar em seu poema é a beleza também paradisíaca de sua ilha natal, a fartura de bens naturais de que foi dotada: as flores, os frutos, os pescados, a caça, tudo, enfim, que faz de sua ilha um espaço abençoado e permanente. A ilha é sempre um local de refúgio, um espaço ímpar, eleito para um destino sagrado. Pense-se em Delos, nas Ilhas Afortunadas, em todo o imaginário que tem marcado as ilhas reais, fingidas e utópicas. A esse propósito escrevem Chevalier e Gheerbrant:<sup>9</sup> “A ilha é um mundo em miniatura, uma imagem do cosmo completa e perfeita.”

A narrativa de ação se constrói em função da enumeração descritiva dos bens da Ilha: é a pesca da baleia, a mais importante atividade

econômica local. Uma das melhores descrições do poema é constituída por uma formulação de “similitude” de surpreendente originalidade: o barco pescueiro, com sua vela, puxado pelo cetáceo arpoado é visto como uma ave à qual se atou um pedaço de papel:

*Qual o ligeiro pássaro amarrado  
Com um fio subtil, em cuja ponta  
Vai um papel pequeno pendurado,  
Voa veloz sentindo aquela afronta,  
E apenas o papel que vai atado  
Se vê pela presteza com que monta,  
Tal o peixe afrontado vai correndo  
Em seus membros atada a lancha tendo.*

Desc.XXVII

A baleia, cuja grandeza e força o poeta tanto evidencia, opondo sua enormidade à pequenez dos marinheiros que contra ela lutam, faz paralelo na *Descrição* ao monstro Adamastor de *Os Lusíadas*. Com a diferença de que a baleia não faz ameaças de vingança, mas antes é morta e despedaçada nessa mistura do épico com o utilitário, que é o episódio da pesca da baleia.

É certamente em função do Adamastor que são evocados na estrofe XXIII os Gigantes em sua luta contra Zeus. Apostrofando o pescador ousado que enfrenta, sem medo, a imensa baleia, escreve:

*Lá intentaram fortes os Gigantes  
Subir soberbos ao Olimpo puro,  
Acometeram outros de ignorantes  
O reino de Plutão horrendo e escuro;  
E se estes atrevidos e arrogantes  
O castigo tiveram grave e duro,  
Como não temes tu ser castigado  
Pelos monstros também do mar salgado?*

Se na sua Ilha dos Amores, Camões faz penderem as árvores frutíferas com os conhecidos pomos da Europa e da Ásia: “a laranjeira” cujo “fruto lindo” ostenta a cor que “tinha Dafne nos cabelos”; os “limões” que “estão virgíneas tetas imitando”; “as cerejas purpúreas na pintura”; “as amoras que o nome têm de amores”; “o pomo que da pátria Pérsia veio”; “a jocunda / vide co’uns cachos roxos e outros verdes”; “a romã, mostrando a robicunda /cor”; as “peras piramidais”, o poeta brasileiro

faz sentir o odor das frutas tropicais; as que aqui foram encontradas pelos portugueses e aquelas que, vindas de outros pontos do Império, aqui tão bem se adaptaram, que se esquece que são originárias de outros meridianos: “as uvas doces que esta terra cria”; “cocos galhardos e formosos”; o fruto da bananeira; “os limões doces muito apetecidos”; “a laranjeira” que tem “no fruto louro/ a imitação dos pomos de Atalanta”; “as cidras amarelas”; “a romã” que tem “do rubi a cor flamante”; “os melões excelentes e olorosos”; “a pevidosa e doce melancia”; “os figos de cor roxa graciosa”; “a manga muito celebrada”, que além do “gosto delicioso”, é “para o cheiro almiscar oloroso”; “o ananás” a quem “as frutas lhe tributam majestade”; “a jaca adocicada”; “os cajus belos”; “os arazás diversos e silvestres”; “oitis, cajás, pitangas”; os “marcuiás” que, se os antigos tivessem encontrado na Ásia, seriam “o nectar de Jove”. Flores, frutos e primores tem a Ilha do frade franciscano, como os tem a “fermosa ilha, alegre e deleitosa” do poema camoniano.

Apontando em direção contrária ao paganismo da Ilha dos Amores, o narrador da *Descrição* ao navegante cansado das viagens, calmarias, tempestades e adamastores não oferece Ninfas que “lançam das secretas / entranhas ardentíssimos suspiros;” porque ele não dá espaço à “ficção dos deuses dos gentios,” mas aplica-se na tarefa de enumerar templos, ermidas e capelas que pontilham toda a extensão da Ilha, como uma ladainha devota: o Redentor, “que a expensas / de seu sangue remiu a prole humana”; Santo Amaro, “a quem venerações o povo rende”; São Lourenço, “mártir que em vivas chamas foi aflito”; a Senhora do Bom Despacho; “Antônio, santo e glorioso”; “das Mercês a Senhora verdadeira”; a “Senhora da Penha milagrosa”; São José e São João. Assim, teve o frade de Itaparica a preocupação de, ao mesmo tempo que exhibe a exuberância das frutas tropicais com suas cores, cheiros e paladares exóticos, mostrar também os espaços do sagrado católico. Desse modo, o franciscano setecentista de Itaparica certamente não causaria as preocupações que talvez tenham tirado o sono ao dominicano quinhentista do palácio dos Estaus.

Não se faria referência, nesse poema, de tantas afinidades com *Os Lusíadas*, à ausência de alguma descrição ou narrativa que, mesmo de longe, evocasse a cena do Concílio dos Deuses, não tivesse sido editado em 1984 um romance que certamente ficará para a posteridade como uma das melhores e mais pujantes narrativas de fundação da identidade brasileira: o romance de João Ubaldo Ribeiro, *Viva o Povo Brasileiro*.<sup>10</sup> Nessa epopéia em prosa composta e tecida a partir de Itaparica, e de todas as implicações de sua gente com a história do país, da Colônia ao regime militar instalado com o Golpe de 64, é mostrada pelo narrador a

Batalha de Tuiuti, na Guerra do Paraguai, como um momento em que os planos humanos e divinos se tocam, como no Concílio do Deuses da narrativa camoniana. Evidentemente, não são mais os deuses do Olimpo que se reúnem para decidir as providências a serem tomadas em face da ousadia dos homens; são agora as entidades do Panteão afro-brasileiro que, chamados por um dos mais ilustres orixás, Oxóssi, o “incomparável caçador da madrugada, rei das matas, senhor da astúcia,” vêm prestar auxílio e socorro a seus filhos itaparicanos que lutam em condições de inferioridade numérica com os paraguaios:

*Assim falou [Iansã] e partiu com seu irmão para os campos de Tuiuti, onde Xangô, o que doma o raio, cavalga as nuvens no acesso feroz da peleja, derrubando os adversários e escudando os filhos, visão mais terrível não podendo haver na terra ou céu. E logo Iansã, rainha dos ares, mais ousada que os tufões, de quem têm medo até as árvores mais poderosas, fez soprar seus ventos traiçoeiros, que conduziam espíritos maus aos corações dos inimigos. Espíritos covardes, espíritos poltrões, espíritos mentirosos e tíbios, todos esses foram soprados pelos ventos da santa, entrando pelas narinas dos paraguaios e lhes infundindo grande medo. Espíritos da discórdia, espíritos da inveja, espíritos da mesquinha, todos esses também foram soprados pelos ventos de Iansã, a que não corre de nada, e lançaram a confusão entre os inimigos.*

*Oxalá, pai dos homens, o maior entre todos, viu de seu alvo trono o que se passava, e sorriu.<sup>11</sup>*

## **Bibliografia**

- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do Leitor Colonial*. Ilhéus: Editus-Editora da UESC, 1999.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias da Era Colonial*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.
- CUNHA, A.G.. (Org.) *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.
- MENEGAZ, Ronaldo. “Descrição da Ilha de Itaparica, Termo da Cidade da Bahia, da qual se faz menção no canto quinto”. Preparo do texto e notas por... Anais da Biblioteca Nacional 107 (1987). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1991.

- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes & c." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro...* Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1848. Segunda serie, tomo III, n.9-11, p. 240-44.
- Florilegio da Poesia Brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo biographias de muitos delles...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. Tomo VI.

## Notas

- <sup>1</sup> ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do Leitor Colonial*. Ilhéus: Editus-Editora da UESC, 1999.
- <sup>2</sup> ARAÚJO (1999), p. 17.
- <sup>3</sup> CASTELLO, José Aderaldo. *Manifestações literárias da Era Colonial*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967. p. 74.
- <sup>4</sup> "Descrição da Ilha de Itaparica, Termo da Cidade da Bahia, da qual se faz menção no Canto quinto - Preparo do texto e notas explicativas por Ronaldo Menegaz". *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 107, 1987.
- <sup>5</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. "Biographia dos Brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, & c." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro...* Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1848. Segunda série, tomo III. n. 9-11, p. 240-44.
- <sup>6</sup> \_\_\_\_\_. *Florilegio da Poesia Brasileira ou Collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo biografias de muitos delles...* Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.
- <sup>7</sup> SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez...* Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.
- <sup>8</sup> CUNHA, A.G. *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. 3 vol.
- <sup>9</sup> CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.
- <sup>10</sup> RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- <sup>11</sup> RIBEIRO (1984), p. 447.